



Projeto de Extensão Iniciação à Cerâmica: O barro como princípio criativo

Coordenador (es): Mariana Dias Gois

Membros da equipe: Amanda Fonseca Pinto, Ana Maria Sousa Celestino Gustavo Henrique Xavier Torres, Sandra Pereira de Carvalho, Natália Neto Rosa, Neilson José da Silva.

Campus: Santa Luzia

Área Temática^[1]: Cultura

RESUMO

O projeto intencionou utilizar a cerâmica, uma expressão artística de forte tradição histórica na região de Santa Luzia, como ferramenta de integração comunitária e iniciação profissional. O projeto de extensão se baseou na relevância histórica da cerâmica, especialmente em Minas Gerais (Vale do Jequitinhonha) e em Santa Luzia (tradição da ceramista Dona Vagna), reforçando o ofício como um pilar que pode sustentar a economia, o turismo, a cultura local, bem como ser uma fonte de conhecimento artístico e de encontro feminino criativo.

Cerâmica; Arte; Mulheres.

INTRODUÇÃO

O ofício da cerâmica além de fazer parte da história artística da região de Santa Luzia, dialoga com os cursos ofertados no IFMG campus Santa Luzia: Técnico Integrado em Edificações, Técnico Subsequente em Paisagismo, Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, Bacharelado em Engenharia Civil e Design de Interiores. Nessa perspectiva, algumas disciplinas dos cursos como “Canteiros Experimentais” vêm elaborando um trabalho de experiências com o barro e com a queima, que tem despertado o interesse dos estudantes. Além da manifestação de interesse da comunidade interna acerca da cerâmica, percebe-se que a comunidade externa possui poucos espaços gratuitos em que pode dispor de uma formação artística.

Nesse sentido, o projeto buscou proporcionar aprendizagens acerca da cerâmica, momentos de lazer associado à fruição artística às estudantes e servidoras, bem



como mulheres da comunidade externa do IFMG, além de iniciar uma formação para a profissão de ceramista, para as mulheres que assim desejarem. Ressalta destacar que a aproximação do IFMG com a comunidade externa também é um foco bastante relevante do projeto.

O projeto buscou interagir com a comunidade escolar e externa de maneira mais lúdica e prazerosa, além de contemplar uma iniciação de formação para o mundo do trabalho. Nesse sentido, o projeto ofertou encontros semanais, durante 6 meses, com mulheres do campus e da comunidade externa. Nesses encontros foram realizadas oficinas de cerâmica, com as diversas técnicas de modelagem (técnica do beliscão, placas, acordelado), roda de conversa sobre arte, leitura de trechos de livros, além de esmaltação das peças produzidas. Semanalmente também foi realizado um café com arte, proporcionando momentos de trocas sobre a arte da cerâmica, escuta de músicas, e conversas sobre a mulher no mundo e na arte;

DESENVOLVIMENTO (FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E METODOLOGIA)

A cerâmica é uma expressão artística praticada pelos seres humanos desde a Antiguidade. “A cerâmica é o material artificial mais antigo produzido pelo homem. Do grego “kéramos” (“terra queimada” ou “argila queimada”), é um material de grande resistência, frequentemente encontrado em escavações arqueológicas” Alexandre; Garcia; Rizzo, 2020, p. 13).

No Brasil, a cerâmica tem sua primeira aparição entre os indígenas, esses primeiros ceramistas construíram desde peças utilitárias para uso no cotidiano, até peças com finalidades recreativas e ritualísticas. Jaqueline Prado (2016) destaca que no século XVI, em Minas Gerais, os indígenas já praticavam o ofício com o barro, período que apareceram as primeiras olarias. A autora considera que os achados arqueológicos apresentam peças com aspectos decorativos singulares, apesar de não haver nada que comprove uma intenção artística em relação a tais decorações.

Com o avanço da colonização pelo país, e como consequência a diáspora indígena e os demais fatores que acompanharam o extermínio de boa parte do povo indígena, a cerâmica sofreu um enfraquecimento na prática do ofício. Por outro lado, com a chegada dos portugueses e sua fixação no Brasil a cerâmica sofreu influência europeia, principalmente na região de Ouro Preto, antiga Vila Rica, nesse sentido, esses outros recém-chegados passaram a ser fabricantes de peças de cerâmica (Prado, 2016). Em Minas Gerais, tradicionalmente a produção de cerâmica é repassada de geração em geração, principalmente no Vale do Jequitinhonha, que possui uma produção vasta e rica, principalmente entre as mulheres. Além disso a



cerâmica movimenta de maneira econômica, turística e artisticamente a região ; Famílias inteiras se dedicaram ao fazer da cerâmica, e embora o ofício fosse exercido predominantemente por mulheres, muitos homens trabalhavam na extração da argila, secavam, moíam e peneiravam o barro, faziam a massa e alguns também trabalhavam na modelagem das peças (Prado, 2016, p.44).

Em Santa Luzia, região que o IFMG campus Santa Luzia atua, a cerâmica se destaca na cultura local a partir da ceramista Dona Vagna, Quilombola que foi residente no Quilombo de Pinhões e paneleira que multiplicou o ensino do ofício em sua comunidade. Atualmente o filho Cristiano Rodrigues continua mantendo a tradição familiar, após o falecimento de Dona Vagna, em 2021. O filho relata que para a mãe, a cerâmica na comunidade era um tipo de economia solidária. “Mamãe podia ter ficado muito rica, mas ela preferiu dividir o lucro com as ajudantes e doar painéis para quem estava passando necessidade” (Portal Terra, 2023). A partir da história da família é possível perceber o quanto a arte pode alimentar a economia e a alma de um povo.

Nesse sentido, o projeto foi capaz de promover atividades artísticas que possibilitaram um letramento artístico a partir da cerâmica e momentos de lazer, através de oficinas semanais de modelagem e pintura em cerâmicas. As oficinas aconteceram todas às quartas-feiras dos meses de outubro de 2024 a abril de 2025, durante duas horas. Os materiais utilizados durante as oficinas foram fomentados pela coordenadora do projeto e por um edital do campus, pelo qual foi possível adquirir alguns pacotes de argila e esmaltes para a vitrificação das peças cerâmicas.

As oficinas eram preparadas com muito zelo pela coordenadora, pela bolsista e estudante voluntária do projeto. As estudantes realizaram durante os diversos meses uma série de atividades para que as oficinas fossem ofertadas com qualidade, dentre essas atividades estavam: produção de pés de galinhas para dar suporte às peças dentro do forno, plaquinhas de argila para a realização de testes de esmaltação, preparação de argila com terra extraída do campus, organização das ferramentas utilizadas no projeto.

As oficinas funcionaram em formato de atelier livre, ou seja, cada participante trazia o desejo de produção de alguma peça e assim era possível colocar em prática as técnicas de modelagem de cerâmica (acordelado, produção de placas e técnica do beliscão). As participantes tiveram a oportunidade de construir diferentes tipos de peças, esmaltá-las e queimá-las em baixa e alta temperatura.



Imagem 1: Dia de oficina;



Imagem 2: Peças produzidas;



Imagem 3: Polvo;



Imagem 4: Cumbuca;

RESULTADOS E DISCUSSÕES (considerações finais)

Durante as oficinas, mais do que as técnicas artísticas, eram realizadas trocas de experiências acerca da vida, da formação acadêmica e da vida profissional. A maioria dos relatos durante as oficinas giravam em torno da possibilidade de relaxamento que a produção da cerâmica possibilitava durante os encontros. A sensação de leveza, de não querer parar a produção ao final da oficina, lidar com as expectativas e



também com a frustração em relação aos resultados artísticos. Uma das participantes do projeto fez um depoimento através de vídeo, suas palavras transbordam uma linda associação do processo artístico com a vida: *“A produção da cerâmica é um processo de transformação, assim como a vida. A argila bruta é moldada e com muita paciência e dedicação, transformada em peças que vão ser queimadas e passando por altas temperaturas, assim como a gente em nossa jornada, em nossa vida. Somos constantemente moldados e transformados pelas pessoas, pelas situações nas quais vivemos e quando finalmente ela é pintada, ela mostra o seu brilho, assim como nós mostramos o nosso brilho ao mundo.”*

Durante o semestre nenhuma participante desistiu de participar das oficinas, bem como a maioria manifestou o desejo de dar continuidade nas oficinas, o que levou a possibilidade de transformar, em um futuro próximo, em um projeto permanente no campus. Algumas participantes se interessaram tanto que começaram a participar de eventos relacionados à cerâmica nos finais de semana. Vários estudantes do campus já conhecem o projeto e procuram informações para participar.

O projeto enfrenta alguns desafios para sua permanência, já que o campus possui apenas uma mufla, que é um forno pequeno de teste, além de caber poucas peças, o equipamento necessita de manutenção, atualmente ele não consegue chegar a uma temperatura alta (1200 à 1300 graus). Os materiais para a oficina não são de fácil acesso, principalmente os esmaltes, o que gera um custo para a manutenção do projeto. E por fim, as oficinas são proveitosas com até 10 participantes, já que o trabalho cerâmico exige uma movimentação grande pelo laboratório, abertura de placas, amasso do barro, lavagem de ferramentas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALEXANDRE, Jonas;Garcia, Fernanda;Rizzo, Idamara. **Caminhos de Barro : nossa história** – 1. ed. - Campos dos Goytacazes, RJ : EdUENF, 2020.
<https://uenf.br/extensao/editora/wp-content/uploads/sites/2/2020/08/livro-Caminhos-de-Barro.pdf>

PORTAL TERRA. Artesão mantém e propaga produção de painéis de barro em MG. https://www.terra.com.br/visao-do-corre/pega-a-visao/artesao-mantem-e-propaga-producao-de-painéis-de-barro-emmg,0157176cb7253f17391939c9d2b39ba1fqahd1kf.html?utm_source=clipboard

PRADO, Jacqueline. **A arte da cerâmica de Minas Gerais**. C/Arte, 2016, 180 p.



[1] Áreas temáticas: Comunicação, Cultura, Direitos Humanos e Justiça, Educação, Meio Ambiente, Saúde, Tecnologia e Produção, Trabalho.

[2] “O desenvolvimento experimental consiste em trabalhos sistemáticos baseados nos conhecimentos existentes obtidos pela pesquisa e/ou pela experiência prática, e dirige-se à produção de novos materiais, produtos ou dispositivos, à instalação de novos processos, sistemas e serviços, ou à melhoria substancial dos já existentes”. PIMENTEL, L. O. (org.). Fórum Nacional de Gestores de Inovação e Transferência de Tecnologia. *Manual básico de acordos de parceria de PD&I: aspectos jurídicos* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.